3º Seminário Ibero-americano

ARQUITETURA e DOCUMENTAÇÃO

O AUDIOVISUAL NA HISTÓRIA DA ARQUITETURA E NO RESGATE DA MEMÓRIA, DA IDENTIDADE E DO PATRIMÔNIO

Uma abordagem teórico-metodológica

TAVARES, FREDERICO A. L. (1); FERREIRA, ANGELA L. (2)

1. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Grupo de pesquisa História da Cidade, do Território e do Urbanismo.
Campus Universitário - C.T. - Sala 87 - Lagoa Nova
59072-970 - Natal, RN – Brasil
augustoluna@hotmail.com

2. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Dpto de Arquitetura. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Grupo de pesquisa História da Cidade, do Território e do Urbanismo.
Campus Universitário - C.T. - Sala 87 - Lagoa Nova
59072-970 - Natal, RN - Brasil
angela.ferreira@pq.cnpq.br

RESUMO
As transformações urbanas impostas pelo crescimento das cidades traduzem as atitudes dos citadinos, influenciando diretamente na consolidação de sua história cultural materializada por significativos exemplares edilícios, cuja importância nem sempre é reconhecida. Esta lacuna é evidenciada pela destruição de acervos testemunhos de épocas singulares da arquitetura e do urbanismo. O ponto de partida para estudo foram os bairros de Tirol e Petrópolis, em Natal/RN, onde se encontra um considerável conjunto de edificações modernistas em processo de dilapidação, sem a devida documentação. Dessa forma, pretende-se apresentar elementos para o debate acerca dos potenciais usos do registro audiovisual no sentido de apreender as mudanças da cidade e a construção de uma consciência coletiva de preservação. Ao ter por base a abordagem teórico-metodológica e os relatos orais, propõe um entendimento que almeja o resgate da memória, o diálogo com a identidade e suas relações com o patrimônio. Neste sentido as contribuições dadas pelo gênero documentário podem tratar as relações históricas aliadas ao crescimento da cidade por meio da construção fílmica.

Palavras-chave: Video-documentário, Arquitetura modernista, Transformações urbanas, Destruição do acervo construído, Natal/RN-Brasil

INTRODUÇÃO

Em dois bairros de Natal, Tirol e Petrópolis, a constante derrubada ou modificações na tipologia de suas edificações se faz rapidamente, incidindo diretamente num acervo considerável da arquitetura moderna da cidade, principalmente de suas casas. Estes bairros se originaram na primeira década do século XX como Cidade Nova[1] e acompanharam diversas intervenções urbanísticas planejadas para a capital. Marcados pela necessidade de inovar e expandir a cidade, ações governamentais resultaram em importantes desdobramentos que lhes dão grande parte da conformação apresentada hoje: o arruamento inicial (1901-1904), a determinação de uso residencial, expansão do traçado e melhorias urbanas com o Plano Geral de Sistematização (1929) e do saneamento contido no Plano Geral de Obras (1935).

A intervenção da Cidade Nova demarcava e alinhava as avenidas projetadas, além de conter características higienistas. Por sua vez, o Plano Geral de Sistematização privilegiou a pavimentação das ruas, implantação de canteiros, demarcação por de meios-fios diferenciando e qualificando os espaços, ou seja, embelezando o bairro ações que também se expandiram para outras regiões da cidade, dentre outras melhorias. O terceiro momento, o Plano Geral de Obras, não se limitava apenas ao sanitarismo, visto que incluía a organização do espaço urbano e a articulava com outras partes de Natal, para além do bairro, conforme explicam Angela Lucia Ferreira et al. (2008, p.151) “pensando a reforma, expansão e embelezamento, a partir da racionalidade das redes do projeto de saneamento”. Assim se caracterizaram momentos em que as novidades trazidas pelas execuções técnicas como a pavimentação das ruas, o próprio saneamento, a eletrificação pública e privada, dentre outros melhoramentos, contribuíram para surgir novos espaços, projetados para receber as elites natalenses.

Com infraestrutura para receber estas famílias, seus lotes aforados à prefeitura foram ocupados primeiro para segundas residências ou chácaras e, posteriormente, de maneira mais intensa para dar lugar não somente ao aproveitamento plurifamiliar, mas também à implantação de uma diversidade de serviços e de comércio. De modo que a brevidade com que acontece este processo natural do crescimento urbano interfere diretamente no patrimônio edificado local, contribuindo para o desaparecimento de um representativo conjunto da arquitetura modernista, cuja produção se acentuou em Natal durante os anos que se seguiram à II Guerra Mundial até os anos 1960, período em que houve uma intensificação na ocupação destes lotes, ocasionada pela construção de moradia unifamiliares ou

plurifamiliares privados ou pelo financiamento estatal, como o caso dos IAPs – Institutos de Aposentadorias e Pensões (parte desse patrimônio foi construído/financiado pelos Institutos, como em todo o Brasil naquele momento). Petrópolis e Tirol são bairros mutantes, onde mal dá tempo de preservar suas histórias. Esta vertente vem ao encontro do exposto por Angela Ferreira, para quem a produção do espaço urbano destrói a história, visa ao lucro e arrefece a identidade pessoa/local, pois seu objetivo está voltado para esse mesmo lucro (Ferreira, 1996).

Apesar da existência de certa documentação – que pode ser encontrada em acervos particulares e instituições governamentais e não-governamentais, sua condição restrita de acesso limita a permeabilidade do conhecimento por parte dos órgãos competentes, pesquisadores e população, o que colabora para o agravamento da situação. Isto nos leva à seguinte questão: Como este processo e estes exemplares que representam a perda de marcos culturais importantes podem ser contemplados pelas fontes documentais, no sentido de reavivar a sua história? Esta questão sugere uma discussão complementar: de que forma o audiovisual contribui para registrar a dinâmica urbana e o patrimônio histórico edificado? A situação de acelerada mudança no cenário urbano, supõe-se, remete às atitudes também pouco favoráveis dos moradores da cidade com relação ao sentimento de pertencimento e reverbera na fragilidade de uma identidade coletiva, o que aumenta as possibilidades de transformação impostas pela dinâmica urbana, gerando reestruturação física do meio construído e a consequente perda de seus referenciais. Mais do que um arquivo estático, os recursos audiovisuais podem ajudar a partilhar as lembranças, trazê-las à discussão, promover a interação e reacender recordações compartilhadas.

O objetivo deste trabalho é, dessa forma, dar elementos para iniciar um debate acerca das potenciais aplicações do registro audiovisual no sentido de apreender as expressões e as impressões sobre as mudanças da cidade na construção de uma consciência coletiva de preservação. Assim, pretende-se contribuir para uma elaboração de material visual que permita não somente mostrar a importância do patrimônio, mas também proporcione a discussão sobre ele.

Neste sentido, é importante, por um lado, trazer à tona aportes que fundamentem teoricamente as relações: transformações urbanas, a perda da memória e da identidade e o reconhecimento do que se entende por patrimônio (ou a falta dele), tomando por base autores como Maurício Hallbwachs (1990), Joël Candau (2011) e Françoise Choay (1996), Pierre Nora (2001), Maurício de Abreu (1998), Giovanni Levi (1989), Enzo Traverso (2007). Por outro

---

1 Foi a Resolução de nº. 118 que passou o nome para Petrópolis em 15.09.1908 (SANTOS, 1998). Os limites do bairro foram definidos pelo decreto-lei 251, datado de 30.09.1947 (que vigoraram até que a Lei 4.330, de 5.05.1993, modificou o antigo decreto e deu nova definição para estes limites).

lado, discutir as potencialidades e limites relacionados aos recursos audiovisuais e às narrativas orais, atinando-se para as contribuições de Bill Nichols (2007), Silvio Da-Rin (2004), Fernão Ramos (2008), Silvana Olivieri (2011), Verena Alberti (2008), dentre outros subsídios que possibilitam o entendimento do alcance as tramas propostas para a compreensão da historiografia da cidade e da habitação.

O presente artigo se baseia no contexto dos citados bairros de Natal, projetados para receberem as famílias ricas que moravam nos bairros antigos, cujas propostas de ocupação e posterior (ou concomitante) readaptação do seu acervo residencial acabam por atingir e influenciar na memória de quem ali vive ou viveu. Para dar conta desta situação, se faz necessário apontar novas formas de se compreender e registrar tal processo. Deste modo a estrutura a que se propõe este trabalho se resume a dois itens: o primeiro, "Um olhar sobre as transformações da cidade", trata não somente como se deram tais transformações ocasionadas pela dinâmica da urbe, mas também como elas refletem diretamente nas atitudes dos moradores, como a perda da memória, do patrimônio e da identidade. O item 2, intitulado "A cidade sob o olhar do registro vídeo-documental", destaca a importância do audiovisual como ferramenta para se construir as diversas tramas da cidade, especificamente, acerca dos tipos e das contribuições do gênero documentário para sustentar as tensões e reflexões da narrativa. Em se tratando de personagens, a história oral entra como mais uma ferramenta metodológica que ajuda a confirmar (ou não) as considerações arroladas.

Um olhar sobre as transformações da cidade

Neste processo de contínua transformação da paisagem da cidade, atualmente, a oferta de estabelecimentos comerciais, médico-hospitalares e lazer dos bairros – foco do estudo – inclui estabelecimentos médicos, educacionais, restaurantes, agências bancárias, mercados, butiques, flats, cafés, lanchonetes, bares e boates entre outros tipos de serviços, que satisfazem não somente a demanda de Natal, mas de suas cercanias. Diferente das precedentes que se limitavam a inserções de elementos na fachada, as interferências, agora, são mais vistosas e resultam em fachadas chamativas, por exemplo. Ao visar os olhares de quem passa nos automóveis e assim feitas para serem vistas de longe e de forma rápida acabam por alimentar ainda mais a destruição do cenário urbano de uma época anterior.

Pode-se dizer que Natal tem passado por ações planejadas ou não cujos condicionantes históricos incidiram na reconstrução muitas vezes rápida do meio físico e cultural. A historicização de ícones significativos de parte do processo de construção da cidade mostra ações e acervos governamentais e privados ainda pouco conhecidos pela comunidade, ou

desconhecidos, dirigidas à preservação do passado da arquitetura e urbanismo em Tirol e Petrópolis.

Sabe-se que esta não é uma característica específica da capital potiguar. Outrossim, a aceleração destas mudanças nem sempre causa *estranhamento*. É comum o sentimento de "normalidade", o "fazer vista grossa", até mesmo com a frequente saída de moradores. A intensidade e a rapidez das transformações e substituições que ocorrem no espaço da cidade, aliadas aos intensos conflitos de interesses, também contribuem para o dilaceramento de uma memória que a cada dia se esfuma.

Esta condição se relaciona com a "perda" do registro da memória, principalmente por parte do citadino, quando se percebe que a maioria das obras existentes – trabalhos acadêmicos, livros, cartilhas, fotografias e revistas – e das políticas de preservação se volta para bairros considerados históricos, como a Ribeira e a Cidade Alta. A despeito da relevância dos esforços empreendidos por órgãos municipais e estaduais, além da Superintendência do Iphan no RN, continua o entendimento de que a salvaguarda desses sítios é prioritária. Cabe ressaltar, entretanto, as recentes e significativas contribuições de pesquisas recentes que enfocam o legado modernista na cidade, impulsionadas, sobremaneira, pela emergência do DOCOMOMO. Fundada em 1988, na Holanda, essa organização não governamental de alcance internacional objetiva o resgate, a documentação e a conservação do Movimento Moderno. Suas representações nacionais e regionais têm colaborado diretamente para o conhecimento deste patrimônio no país, especialmente mediante a organização de eventos científicos e publicações, o que concorre – ainda que de forma limitada – para sua preservação.

No que tange as modificações da cidade, as aproximações teóricas aqui propostas para o artigo partem de um viés onde a memória justifica a identidade. O sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990), por exemplo, defende que ela só tem sentido se for compartilhada, uma dependendo da outra, onde o passado está intimamente ligado ao presente, com o todo juntando as partes, relevando a memória coletiva (Hallbwachs, 1990, p.80-81).

Numa abordagem mais atual, o antropólogo francês Joël Candau (2011) se refere à identidade quando há uma imbricação com a memória, ou seja, uma é interdependente da outra. Para ele "não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente" (Candau, 2011, p.19). Por esse viés, a memória é um tecido memorial coletivo que vai alimentar o sentimento de identidade, convergindo, assim, nas definições de Halbwachs (1990) e Françoise Choay (2006).

Por sua vez, a memória voltada, digamos, para a habitação, ajuda a recompor o quebra-cabeça de um período importante para a arquitetura e o urbanismo, contribuindo para se aproximar do sentimento de pertencer ao lugar. De acordo com Candau (2011), sem memória, a identidade desaparece, o "sujeito se esvazia". Na vertente análoga, o patrimônio requer a mesma linha de pensamento, e mesmo que sugerido,

> Segue o movimento das memórias e acompanha a construção das identidades: seu campo se expande quando as memórias se tornam mais numerosas; seus contornos se definem ao mesmo tempo em que as identidades colocam, sempre de maneira provisória, seus referenciais e suas fronteiras; pode assim retroceder quando ligada a identidades fugazes ou que os indivíduos buscam dela se afastar (Candau, 2011, p.163)

Sobre lugares e memória, Candau corrobora com Pierre Nora (1981), e este, trata do assunto de maneira positivista, entretanto flertando com olhares voltados para as sociedades modernas e seu momento atual, no presente, localizadas num espaço, no concreto, que tem imagem, é objeto, é síntese de lugares e identidade nacional. Assim, os lugares de memória "são lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos" (Nora, 1981, p.21). E por mais que esses lugares tentem parar o tempo, signifiquem estagnação, eis que "os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações" (Nora, 1981, p.22).

Ao se referir ao patrimônio arquitetônico e à identidade, propõe-se usar a definição e aplicabilidade utilizadas por Françoise Choay (2006), em que:

> Monumento e cidade histórica, patrimônio arquitetônico e urbano: estas noções e suas sucessivas figuras esclarecem de forma privilegiada o modo como as sociedades ocidentais assumiram sua relação com a temporalidade e construíram sua identidade (Choay, 2006, p.205)

Ao tratar as crises que envolvem o patrimônio arquitetônico e urbano, Choay não se desvencilha da arquitetura e da cidade (para ela, cidade, urbano e urbanismo perderam seu significado original). De acordo com a historiadora, as sociedades contemporâneas não dão conta das transformações que elas não dominam "e nem a profundidade nem o ritmo acelerado, e que parecem questionar sua própria identidade" (Choay, 2006, p.241). Monumento e cidade histórica, patrimônio arquitetônico e urbano: estas noções e suas sucessivas figuras esclarecem de forma privilegiada o modo como as sociedades ocidentais assumiram sua relação com a temporalidade e construíram sua identidade.

Outros autores ajudam a balizar as discussões aqui realizadas. Inclui-se, dentre eles, o historiador italiano Enzo Traverso (2007), que analisa a utilização pública do passado através da memória e ressalta a importância do testemunho, personagem este essencial na

construção do nosso quebra-cabeça imagético. O autor delineia uma perspectiva de análise acerca da memória que é complementar à de Halbwachs (1990), inclusive, sendo este uma grande referência de sua obra. Mais ainda: Traverso relembra que o cinema faz uso da memória, o que reforça a proposta do audiovisual como importante instrumento para discutir o tema.

Por seu turno, adicionando nova contribuição ao leque teórico-empírico, o historiador italiano Giovanni Levi (1989) ressalta a importância e os usos da biografia para se traçar perfis e histórias de vida, principalmente contextualizando-os socialmente. Para ele, é salutar a forma e o cuidado quando se aborda um personagem, quando se constrói uma biografia. Por isto, elenca diversos tipos de maneiras de se chegar aos indivíduos com o intuito de construir suas trajetórias, o que ele classificou de "tipologias de abordagens", intituladas de: prosopografia e biografia modal, biografia e contexto, a biografia e os casos extremos e biografia e hermenêutica (Levi, 1989, p.174) Elas passeiam entre relações sociais, singularidades e ambiências (aqui, ambiência não tem o mesmo significado material utilizado pela arquitetura e urbanismo), escolhas, importância do contexto histórico, o ato interpretativo e outras contribuições.

O geógrafo carioca Mauricio Abreu (1998), ressalta a necessidade de se preservar a memória urbana, e que esta permeia a memória social, a identidade, as memórias histórica, individual e coletiva. Para o autor os vestígios do que são a história das cidades se apagam a uma velocidade crescente; não se pode perder tempo em registrá-la, em perpetuar a história "*no* e *do* lugar" (Abreu, 1998, p. 32).

Essencial, também, neste contexto, a história oral possibilita relevar a importância do testemunho atrelado à identidade, e à "multiplicidade de memórias", tal como apregoa Verena Alberti (2008, p.167). A autora chama a atenção para os diversos testemunhos, de forma a tornar a análise mais consistente.

Decerto um dos caminhos a serem alcançados diz respeito à memória. Esta será estimulada por meio dos relatos no presente, mediante uma escuta cuidadosa e interlocuções que visem a reproduzir e interpretar o passado (e o passado no presente), cujas narrativas de vida de cada entrevistado irá compor o quadro da memória coletiva, configurando-se o que Eduardo Morettin classificou como "desafio": "Convém observar que se as narrativas de vida recolhidas são *individuais,* a memória a instituir é *coletiva* e que aí reside o principal desafio da nova abordagem escolhida" (Morettin, 2011, p.228-229).

Essas abordagens aproximam das diversas fases/intervenções as quais as cidades são, notadamente, seus próprios algozes e *vítimas*. A importância do papel de cada citadino para a

preservação patrimonial, e a forma de se chegar até ele, extraindo de suas reminiscências o que há de mais remoto, porém vivo, de seu testemunho historiográfico, revela coletivamente lembranças de uma época cuja consciência – coletiva - tem papel importante no conhecimento e na compreensão dos condicionantes históricos que incidem na reconstrução muitas vezes rápida do meio físico e cultural da urbe.

A cidade sob o olhar do registro vídeo-documental

A Sétima Arte se apropria dos dramas e dos olhares à cidade historicamente desde suas primeiras películas. A passagem do tempo, muitas vezes, é utilizada como argumento para o desenrolar de estórias envoltas à memória. A linguagem cinematográfica, permeada de sentidos e significados, a qual possibilita a imbricação entre material humano e texto, contribuem para se compor a realidade, construindo as narrativas.

Por sua vez, o gênero documentário, em contraponto ao cinema ficcional, pode-se, pelas suas características, ser mais *libertária* e questionadora, sem necessidade de cenários construídos para comporem as cenas, ausência de (grandes) equipes e equipamentos, atores, produções e roteiros fechados, livre dos controles e das exigências mercadológicas que envolvem os demais gêneros. Uma vez finalizado, torna-se uma obra perene, disponível para diversos públicos.

A contribuição audiovisual promove uma interrelação espaço-tempo mais palpável, compreensível e utilizável entre os saberes. Dessa forma, ao se definir sua abordagem, apontando a transversalidade da comunicação e das mídias audiovisuais, chega-se às expressões e manifestações culturais dos espaços, faz-se outras leituras através de novos olhares e se permitem novas interpretações do território urbano local, sistematizadas pelos depoimentos e pela pesquisa empírica. Sobre esse aspecto na participação do cinema como registro documental, ressalta-se a representação cidades fictícias, cidades reais e a memória das urbes. É uma relação firme, duradoura.

A apropriação da linguagem audiovisual, além de sua vertente educativa, ajuda na compreensão da reconfiguração dos espaços e estreita o hiato conhecimento-sujeito, tendo o professor como importante medianeiro. A contemporaneidade do cinema liga-se fortemente com a imagem que se tem e que se faz dele. Um espelho reunindo a memória real e irreal, com a arquitetura participando diretamente destas vertentes.

Em virtude de sua “mobilidade”, o documentário pode ter sua aplicabilidade voltada para a prática, o que reúne o processo de criação intelectual e criativo. Entretanto, como se constrói uma trama? É só imagem? Só imagem e som? Imagem, som e texto bastam? “Ambientar”

ISSN 1983-7518

uma casa, um edifício, por exemplo, extrair dele sua alma de outrora, mesmo – e principalmente – através da fachada, retoma seu sentido, seu saudosismo, o que Jean Baudrillard chama de “nostalgia do luxo” (Baudrillard, 2004, p.44) atribuída à imagem como memória, cuja estética tem seu lugar reservado nesta concepção.

Ciente de que a arquitetura e o urbanismo, a memória e a identidade estão mais inter-relacionadas e dão frutos a inúmeras pesquisas, aliá-las ao vídeo-documentário nos leva a uma perspectiva educacional, com possibilidades amplas de público e aplicabilidade no ensino superior. Ele pode ser aplicado em outras mídias, como emissoras de rádio, teleaulas, educação a distância, blogs, revistas virtuais etc., com novas abordagens estéticas, promovendo a interação, reconstruindo trajetórias profissionais e contribuindo para dinamizar o conhecimento.

Complementam-se outras questões tratadas pelo vídeo-documentário, ferramenta ainda pouco utilizada em trabalhos acadêmicos quando reunidos a conceitos como “memória”, “patrimônio”, “identidade” e, no caso específico, ligados à arquitetura modernista. Esta lacuna reflete na necessidade de se apresentar, então, uma nova alternativa para o ensino da arquitetura e do urbanismo.

Diversos trabalhos audiovisuais tangenciam o tema aqui proposto. Dentre eles, podemos citar os documentários “Traço Concreto”, de Eduardo Baggio e Danilo Pschera (Brasil, 2010), que trata da história de três casas modernistas, do nascimento à demolição, na cidade de Curitiba, e “Hércules 56” (Brasil, 2006), de Silvio Da-Rin. São abordagens importantes tanto acerca do tema quanto, principalmente, da forma de se documentar o assunto.

O viés da dilapidação de acervos públicos edificados, a falta de políticas (e gestões) públicas para o seu funcionamento, o sucateamento e posterior aniquilamento são temas do documentário “HU”, do cineasta Pedro Urano e da artista visual Joana Traub Csekö (Brasil, 2011), produção inteiramente rodada no inacabado Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (UFRJ). O HU é uma criação modernista de 220.000m², mas que só a metade é ocupada. A outra, cognominada de “perna seca”, completamente abandonada, foi, na contramão de um Brasil progressista e moderno, ironicamente demolida.

O filme “Em Construcción”, de Jose Luis Guerín (Espanha, 2001), faz parte da safra independente do cinema espanhol. A película retrata as transformações do bairro histórico e popular de Barcelona, o Chino. Nela, a intervenção no espaço público, a destruição de algumas áreas e a construção de novas residências, traz à tona o passado, seja no aparecimento de um antigo cemitério romano sob as escavações, ou pelas vozes dos antigos moradores, que reconstroem, mediante olhares e comentários, o que outrora fora o bairro,

cuja nova feição urbana expulsa ao mesmo tempo em que reafirma um período do século XIX estimulando a discussão através da destruição deste patrimônio.

A apropriação do cinema por assuntos voltados à arquitetura modernista homenageou Le Corbusier – e seu único projeto residencial assinado na América Latina: a casa 320 do Boulevard 53. A trama se passa na cidade de La Plata, localizada ao sudeste da capital portenha. Em "O Homem do Lado" (Argentina, 2009), os diretores Mariano Cohn e Gastón Duprat reverenciaram o mestre suíço com uma comédia-drama rodado em 2009, com fortes pitadas à funcionalidade do projeto.

As transformações urbanas ocorridas no Rio de Janeiro para torna-lo uma cidade moderna proposta pelo arquiteto e urbanista Affonso Eduardo Reidy, com projetos como o Aterro – e parque – do Flamengo e o Museu de Arte Moderna, foram objetos do documentário Reidy, a Construção da Utopia (Brasil, 2008), de Ana Maria Magalhães. A diretora buscou captar esse viver na cidade grande, cosmopolita, contemporânea, ideais (per)seguidos pelo arquiteto, cuja criação tencionava impulsionar e construir a paisagem da cidade

Por seu turno, Dziga Vertov (Rússia, 1929), em "Um Homem com uma Câmera" –, inaugura nova modalidade de filmagem, livre, planos inéditos, música incidental, patrocinado pelo governo de Pedro, O Grande. O cinema reflexivo datado do início do século passado.

No aspecto do audiovisual, dentre os autores que contribuem em nível teórico estão Silvio Da-Rin (2004), Bill Nichols (2007) e Fernão Ramos (2008). Para uma aproximação documental-cinematográfica, avança-se pela sua diversidade de temas, liberdade técnica e metodológica, explicitada no documentário. A análise inicia-se com Da-Rin (2004) e o "modo auto-reflexivo de representação", que aproxima o público do filme e mostra o processo produtivo da trama. Ele utiliza o termo "domínio", que não escapa às fórmulas do cinema, entretanto, devido ao seu caráter plural, sem se ater a definições. O documentário como instrumento, que se utiliza de técnicas e tecnologia que ascenderam nos anos 1960, e ficou mais conhecido como "cinema direto", no caso, de "modo interativo", que o autor remete à

> (...) intervenção do cineasta, ao invés de procurar suprimi-la. A interação entre a equipe e os "atores sociais" – pessoas convocadas a participar do filme assume o primeiro plano, na forma de interpelação, entrevista ou depoimento. A montagem articula a continuidade espaço-temporal deste encontro e a continuidade dos pontos de vista em jogo. A subjetividade do cineasta e dos participantes da filmagem é plenamente assumida (DaRin, 2004, p.98-99)

Na proposição de Da-Rin, o gênero documentário permite que o espectador acompanhe o argumento de um tema qualquer, estimulado pela possibilidade de exprimir comentários orais

ilustrados pelas imagens produzidas, pelo engajamento teórico e identificação com as temáticas, enxergando além das janelas do mundo: “[...] A crença em algum tipo de verdade sobre o mundo social e histórico constitui o horizonte remanescente da tradição do documentário” (Da-Rin, 2004, p.200)

O modo auto-reflexivo de representação, quando se apresenta além do mundo real, explicita o próprio processo de representação, misto de epistemologia e estética que será evidenciado no documentário. Esta mesma direção é seguida por Bill Nichols (2007), que também trabalha com o conceito de “reflexividade” e com o que ele define como “a voz” do documentário, dialogando com o conceito de “enunciação” e com a idéia de ética, este último, primordial quando se trata, principalmente, de situações que envolvem recordações pretéritas (Nichols, 2007, p.31).

Ao coabitar o mesmo universo de Nichols (2007) e Da-Rin (2004), Fernão Ramos (2008) traz como conceito de “imagem-câmera”: a importância da forma de filmar aliando-se à construção da narrativa, representando o mundo vivido, a intensidade da linguagem, o real mundo real, cuja contribuição do “sujeito-da-câmera” vai além do ato mecânico da filmagem ou da tecnologia inerente ao equipamento de filmar (Ramos, 2008, p.77).

Numa perspectiva de ampliar a análise específica à teoria “documental”, Silvana Olivieri reforça as prerrogativas citadas anteriormente na medida em que inclui o documentário como sendo uma considerável ferramenta para se abordar a cidade, o que o cinema se apropria muito bem quando se trata de urbanismo.

Parte importante da proposta aqui apresentada privilegia a metodologia de registro oral, a partir da aplicação de entrevistas a personagens-chave, tais como moradores e ex-moradores, engenheiros, arquitetos e desenhistas, cujos testemunhos participam na reconfiguração das residências modernistas dos dois bairros. Em decorrência de ameaças constantes as quais passam as habitações, a documentação videográfica permite o registro além da forma e da volumetria, promovendo o resgate de momentos edilícios e da memória e história das cidades.

A partir deste conhecimento, lança-se uma proposta que busca “reconstruir” a trajetória da urbe através do passado recente dos referidos bairros, por intermédio do uso da metodologia do audiovisual e da história oral, cuja contribuição deste registro documental amplia as possiblidades de se abrir e estimular o debate sobre a questão em voga, e ajuda na percepção do problema. Trabalha-se numa perspectiva que remete aos anos de 1945 até os dias atuais, enfocando as casas e apartamentos modernistas, diversos deles financiados pelos IAPs, num viés que trata da memória e do urbano na história recente da capital potiguar

A metodologia sugerida pode ser aplicada na pesquisa empírica em andamento, construindo-se pela concretização de diversas ações. Deve-se privilegiar os antigos/novos sujeitos, personagens moradores e ex-moradores, engenheiros, arquitetos e desenhistas, que deverão ser entrevistados ou terão suas participações na (re)configuração da história da cidade, representados na produção do documentário. Em decorrência de ameaças constantes as quais passam as habitações, como a *fase* final mais traumática que é sua derrubada, sugere-se que a etapa de campo se inicie com a documentação videográfica, registrando a forma e a volumetria, pois a destruição destas para a construção de edifícios residenciais, comércio, lazer é contínua, sem preocupação com a história urbana e seu registro, tampouco com os marcos referenciais de seus moradores. A mesma metodologia poderá ser aplicada a outros personagens, indo além da filmagem e gravação dos depoimentos, reunindo-se outras fontes, como a planta da residência original, fichas catalográficas, desenhos, seu registro em cartório, fotografias de época, entrevistas de arquivo (filmadas ou gravadas).

A observação panóptica dos bairros, das caminhadas sempre observando as mudanças pelas quais passam seu acervo construído e suas interferências concorre para dirimir a falta de outras modalidades de registros, mais visuais, mais dinâmicos, instigadores, assim como sua maior diversificação, ampliação e circulação, são necessários para intensificar o debate.

Considera-se que a veemência da forma pela qual vem ocorrendo o litígio de substituição do espaço construído de Tirol e Petrópolis em detrimento do patrimônio de épocas anteriores solicita novas investigações e abordagens que componham sua história e memória, justificando, assim, um estudo mais aprofundado, visto a contínua permanência de lacunas nas políticas de preservação voltadas para este tipo de espaço construído.

> A linguagem do cinema se revelou imprescindível para captar a dinâmica dos processos de usos do espaço. Melhor do que qualquer outra técnica, ela pode executar, de forma sintética e profunda, a proposta de percepção contextual dos lugares, personagens e atividades (Olivieri, 2011, p.178)

O próprio cinema se apropria das cidades para apresentar suas tramas: as cidades espanholas Madri e Barcelona de Pedro Almodóvar, o Rio de Janeiro de José Padilha, a Los Angeles futurista, chuvosa e decadente de Ridley Scott, a Nova Iorque de Woody Allen, a Paris de Win Wenders, a Londres com sua arquitetura modernista de Stanley Kubrick, a “Metrópolis” de Fritz Lang e tantas outras fascinantes cidades vistas sob a ótica surreal das telas. Ao trazer a contribuição cinematográfica para o âmbito da Academia, o resultado da investigação mostra uma diversidade de conteúdos pontual; àqueles imbricados com a arquitetura modernista, carecem produções videográficas aprofundadas e objetivas.

Considerações finais

As mudanças as quais passam os centros urbanos, fenômenos inerentes à vida das cidades, carecem de estudos que adentrem ao seu processo produtivo e sejam possíveis de serem reverberados de forma mais dinâmica e instigadora. A velocidade que se configura com o crescimento edilício dos municípios, independente dos seus tamanhos - requer novas abordagens e metodologias que acompanhem este fenômeno e possam propor alternativas que, de certa maneira, registrem seu patrimônio histórico e urbano.

As recentes e incisivas modificações e intervenções no acervo construído de Tirol e Petrópolis, na cidade de Natal/RN atingem diretamente as edificações que traduzem elementos de uma arquitetura típica das décadas de 1940 a 1970. A brevidade deste processo próprio do crescimento urbano alcança um conjunto considerável, representativo de uma época áurea das concepções modernistas entre outras, constituído de muitos exemplares projetados com características próprias, frutos da expressiva participação de arquitetos e engenheiros tanto do Rio Grande do Norte quanto de outros Estados.

É oportuno referendar o projeto ao qual este estudo está vinculado. O grupo de pesquisa História da Cidade, do Território e do Urbanismo – HCUrb, vem desenvolvendo há alguns anos uma série de pesquisas a respeito da história da política e da produção da habitação em Natal. Mais recentemente, um novo projeto pretende, dentre outros pontos, historicizar a importância que os engenheiros e arquitetos locais tiveram por meio de sua vivência acadêmica e trajetórias profissionais, intitulado: “Circulação de Idéias: Os IAPs na introdução de inovações na arquitetura e no urbanismo em Natal (Décadas de 1940 a 1960)”. Os Institutos de Aposentadorias e Pensões – IAPs, fruto da intervenção estatal através de transações imobiliárias e financeiras, marcaram um momento importante no processo de modernização da habitação e das formas de morar.

As contribuições propostas pela metodologia do audiovisual referendadas especificamente pelo vídeo-documentário, propõem realçar a problematização acerca das transformações que atingem o acervo edilício construído, modificado e destruído – das urbes. Este processo natural ainda não é totalmente contemplado pelas fontes documentais, cuja diversidade permanece como entrave quando se pretende ampliar a discussão. Igualmente, as considerações acerca do reconhecimento da memória, do patrimônio e da identidade, aliadas a esta metodologia do registro documental e dos relatos orais, permitem retratar e reconstituir não só a historiografia citadina, mas alertar e conscientizar os moradores para as tensões inerentes ao processo de modificação ou extinção, a ver, da arquitetura modernista.

Diante do exposto, a salvaguarda do acervo construído que ainda não é passível de preservação aos olhos dos órgãos responsáveis, exige novas maneiras de contemplar as fontes orais e audiovisuais. Esta questão tem um forte aliado: o vídeo-documentário, cuja contribuição, inclusive, pode ser aplicada em sala de aula, tendo o professor um importante mediador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maurício. Sobre a Memória das cidades. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (orgs.). **A produção do Espaço Urbano:** Agente e Processos, Escalas e Desafios. São Paulo: Contexto 2011.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

BAUDRILLARD, Jean. **As estruturas de ambiência**. In: O sistema dos objetos. São Paulo: Perspectiva, 2000.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

DA-RIN, Silvio. **Espelho Partido**. Tradição e transformação do documentário cinematográfico. Rio de Janeiro: Azougue. Editorial, 2004.

FERREIRA, Angela Lúcia A. **De la producción del espacio urbano a la creación de territorios en la ciudad. Un estudio sobre la constitución de lo urbano en Natal, Brasil.** 1996. 599 p. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Departamento de Geografia Humana, Universidad de Barcelona, Barcelona, Espanha, 1996.

FERREIRA, Angela Lúcia, EDUARDO, Anna Rachel B., DIAS, Ana Carolina D., DANTAS, George A. F. **Uma cidade sã e bela:** a trajetória do saneamento de Natal - 1850 a 1969. Natal: IAB, RN CREA, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coords.). **Usos e Abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. Cap. 12.

MORETTIN, Eduardo. O cinema como fonte história na obra de Marc Ferro. CAPELLATO, Maria Helena et al. In: **História e Cinema**: dimensões históricas do audiovisual. 2ª ed. São Paulo: Alameda, 2011.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário.** Campinas, SP. Papirus, 2005.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História**: a problemática dos lugares. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, 1981.

OLIVIERI, Silvana. **Quando o cinema vira urbanismo**: o documentário como ferramenta de abordagem da cidade. Salvador: EDUFBA, PPGAU; Florianópolis: ANPUR, 2011.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas Afinal...o que é Mesmo Documentario**? Senac, 2008.

TRAVERSO, Enzo, **El pasado, instrucciones de uso**: Historia, memória, política. Madrid: Marcial Pons, 2007. Politopias, n.10